

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS CERRO LARGO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊ E ESPANHOL**

**AMANDA OLIVEIRA MENEZES**

**REPRESENTATIVIDADE FEMININA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NOS**  
**CONTOS “OLHOS D’ÁGUA” E “MUTOLA”:**  
**UMA PROPOSTA DE PLANO DE AULA**

**CERRO LARGO**  
**2022**

**AMANDA OLIVEIRA MENEZES**

**REPRESENTATIVIDADE FEMININA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NOS  
CONTOS “OLHOS D’ÁGUA” E “MUTOLA”:  
UMA PROPOSTA DE PLANO DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Espanhola.

Orientador: Prof. Dr. Demétrio Alves Paz

**CERRO LARGO**

**2022**

### **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Menezes, Amanda Oliveira  
REPRESENTATIVIDADE FEMININA AFRO-BRASILEIRA E  
AFRICANA NOS CONTOS 'OLHOS D'ÁGUA' E 'MUTOLA':: UMA  
PROPOSTA DE PLANO DE AULA / Amanda Oliveira Menezes. --  
2022.  
52 f.

Orientador: Prof. Dr. Demétrio Alves Paz

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro  
Largo,RS, 2022.

1. Letramento literário; ensino; representatividade  
feminina.. I. Paz, Demétrio Alves, orient. II.  
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

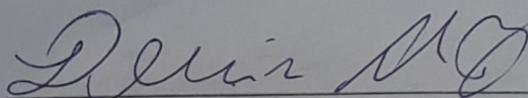
AMANDA OLIVEIRA MENEZES

REPRESENTATIVIDADE FEMININA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NOS  
CONTOS “OLHOS D’ÁGUA” E “MUTOLA”:  
UMA PROPOSTA DE PLANO DE AULA

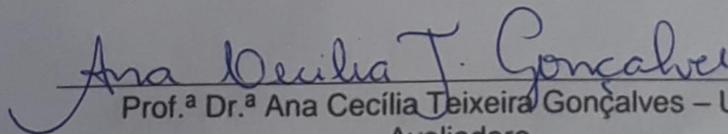
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em Letras – Português e  
Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul  
(UFFS), como requisito para obtenção do título de  
Licenciada em Letras com habilitação em Língua  
Portuguesa e Espanhola.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 16/08/2022.

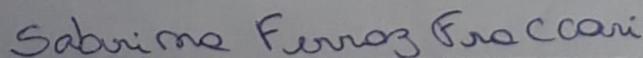
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Demétrio Alves Paz – UFFS  
Orientador



Prof.ª Dr.ª Ana Cecília Teixeira Gonçalves – UFFS  
Avaliadora



Prof.ª Ma. Sabrina Ferraz Fraccari – UFSM  
Avaliadora

*“Para conquistar o amanhã é preciso arregaçar as mangas para a batalha do hoje.”*

Paulina Chiziane

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente a Deus, por estar sempre cuidando de mim.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Demétrio Alves Paz, por me apresentar a literatura afro-brasileira e a literatura africana de Língua Portuguesa. Obrigada pelo tempo, dedicação e compreensão.

A meu companheiro, Nerisson Camargo, por estar sempre presente nas etapas da minha vida.

Sou grata por todas as amizades que conquistei nessa etapa acadêmica. Agradeço em especial, aos meus amigos Erik Sott e Marlene Lima por me tranquilizarem em momentos difíceis e compartilharem dúvidas, certezas e angústias. Foram de extrema importância na realização deste trabalho.

Agradeço pela oportunidade de ingressar na Universidade Federal da Fronteira Sul, e ter a experiência de uma educação de qualidade.

Meus mais sinceros agradecimentos e admiração a todos os meus professores, que foram imprescindíveis para a minha formação.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso trata da descrição de uma proposta de plano de aula que envolve a representatividade feminina afro-brasileira e africana através dos contos “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo (2016), e “Mutola”, de Paulina Chiziane (2019). Para tanto, o objetivo está em desenvolver um plano de aula voltado à leitura crítica desses contos, bem como promover o letramento literário, baseado nos procedimentos metodológicos de Rildo Cosson (2021). A realização desse planejamento encontra justificativa na Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003, que norteia as abordagens étnico-raciais no ensino, por meio da literatura. A proposta do presente plano de aula é essencial para a construção de reflexões sobre o ser feminino, já que é por meio da representatividade das personagens dos contos e de suas autoras que se estabeleceu o planejamento. Além de Cosson (2021), outros pesquisadores são utilizados na escrita e compreensão desse trabalho, como: Rouxel (2013), Louro (2014), Dalvi (2013), Candido (2011), Freire (2021) etc.

Palavras-chave: Letramento literário; ensino; representatividade feminina.

## RESUMEN

Este trabajo de conclusión de curso trata de la descripción de una propuesta de plan de clase que envuelve la representatividad femenina afro-brasileña y africana través de dos cuentos “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo (2016), y “Mutola”, de Paulina Chiziane (2019). Para tanto, el objetivo está en desarrollar un plan de clase destinado a lectura crítica de esos cuentos, bien como promover la alfabetización literaria, basado en los procedimientos metodológicos de Rildo Cosson (2021). La realización de ese plan encuentra justificativa en la Ley 10.639/2003, de 9 de enero de 2003, que nordea abordajes étnicos-raciales en la enseñanza, por medio de la literatura. La propuesta del presente plan de clase es esencial para la construcción de reflexiones sobre el ser femenino, ya que es por medio de la representatividad de los personajes de los cuentos y de suyas escritoras que se estableció el planeamiento. Además de Cosson (2021), otros investigadores son utilizados en la escrita y comprensión de ese trabajo, como: Rouxel (2013), Louro (2014), Dalvi (2013), Candido (2011), Freire (2021) etc.

Palabras clave: Alfabetización literaria; enseñanza; representatividad femenina.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 LITERATURA E ENSINO .....</b>	<b>13</b>
<b>3 PROPOSTA DE PLANO DE AULA.....</b>	<b>17</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>
<b>APÊNDICE A – PLANO DE AULA.....</b>	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A língua(gem) é não só um meio de comunicação, mas também uma forma de opressão. Sabemos que, em uma sala de aula, cheia de mulheres e com apenas um homem, utilizamos, na Língua Portuguesa e em outras línguas neolatinas, o plural masculino “os”, cabendo à mulher ser o “outro”, conforme Beauvoir (1970, p.10). Contudo, a mulher não foi inferiorizada somente por meio da linguagem e, sim, teve toda a sua trajetória histórico-cultural silenciada. A teoria feminista serve para combater o poder do patriarcado, romper as barreiras preconceituosas e intolerantes, de modo que os espaços femininos também apareçam. Uma das formas de trazer o debate sobre o feminismo é a abordagem de atividades didáticas que levantem essas pautas e discussões.

Na sociedade, há uma rede de poder, na qual o gênero feminino é silenciado. Isso se reflete também no meio literário, uma vez que a mulher percorreu inúmeros obstáculos para escrever, publicar e ser reconhecida. As mulheres encontraram uma brecha para contar suas narrativas, de forma que contribuíssem para a denúncia e a libertação dos seus corpos. Se as escritoras brancas e ricas já passavam por tais preceitos, qual espaço literário caberia às escritoras negras e pobres? É diante desse questionamento que damos início a este trabalho, servindo da linguagem - repositório de preconceitos, crenças e pressupostos (ADICHIE, 2017, p. 35) -, para propor um planejamento de aula que contribua com a representatividade de mulheres negras na literatura. Com o intuito de dar conta disso, foram selecionados dois contos literários de escritoras negras, referências em seus países de origem: o conto “Olhos d’água”, da brasileira Conceição Evaristo (2016), e o conto “Mutola” da moçambicana Paulina Chiziane (2019).

Maria da Conceição Evaristo, escritora afro-brasileira, que nasceu em Belo Horizonte/Minas Gerais, no dia 29 de novembro de 1946, tem suas obras compostas por romances, contos e poesias. Estreou suas publicações editoriais em 1990, nos Cadernos Negros, veículo destinado à divulgação de textos afro-brasileiros. O conto “Olhos d’água” foi publicado, pela primeira vez, nessa série, no ano de 2005, juntamente, com outros contos que retratam, especialmente, a maternidade e apresentam como subtemas a violência e as dificuldades financeiras (LIMA, 2021).

A escritora moçambicana, Paulina Chiziane, nasceu em 04 de junho de 1955, em Gaza. Apesar de se considerar uma contadora de histórias, a crítica literária

aponta-a como a primeira mulher moçambicana a escrever um romance (FREITAS, 2012), *Balada de amor ao vento*, publicado em 1990 pela AEMO (Associação de Escritores Moçambicanos). Alguns contos da autora foram reunidos em uma coletânea intitulada “As andorinhas”, publicada em Moçambique pela Editora Índico, no ano de 2008, e no Brasil pela Editora Nadyala, em 2013. Nessa coletânea, consta o conto “Mutola” o qual vamos trazer à tona em nosso plano de aula.

Chiziane e Evaristo nasceram e cresceram em países marcados pela escravidão, advindos de anos de colonização portuguesa. Cresceram nos subúrbios e usufruem de suas vivências e histórias de seus povos para a realização de suas narrativas. A escrita literária moçambicana de língua portuguesa e a afro-brasileira denunciam as relações de poder, sexismo e racismo existentes na sociedade, visto que as mulheres negras sofrem o preconceito de gênero e de raça. Dessa forma, a relação entre essas duas escritoras é o fato de darem voz a grupos ainda marginalizados em seus países de origem (COSTA; PEREIRA; PEREIRA, 2018).

Escolhemos as duas escritoras e os dois contos devido às vozes silenciadas e marginalizadas que elas descortinam, pois acreditamos que essas leituras, bem como o desenvolvimento de sequências metodológicas promoverá grandes reflexões e discussões em sala de aula. As narrativas “Olhos d’água” e “Mutola” possuem personagens femininas em diferentes situações. Em Evaristo, uma personagem narradora busca descobrir a cor dos olhos de sua mãe. Nesse diálogo consigo mesma, traz momentos e atos marcantes da mãe em sua vida. Chiziane narra a história de Mutola, que, diante do enfrentamento de muitos preconceitos, realiza seu sonho profissional. Além disso, observamos escritoras interessadas em contar a realidade de seus povos, assim como representar mulheres guerreiras.

Neste trabalho, temos como objetivo a elaboração de um plano de aula de literatura, voltado para o terceiro ano do ensino médio, que envolve dois textos literários de autoria afro-brasileira e africana. Para a sua construção, adotamos como base metodológica *O letramento literário: teoria e prática*, de Rildo Cosson (2021). Por meio de uma leitura crítica desses contos, acreditamos que seja possível formar grandes leitores que observem o passado, problematizem o presente e interroguem o futuro. Nesse sentido, guiam a realização deste estudo os procedimentos metodológicos característicos da pesquisa bibliográfica. Prezamos, assim, o diálogo com os materiais consultados de modo a alcançarmos o objetivo estipulado.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) estabelece como parâmetros para organização curricular do Ensino Médio a literatura africana de Língua Portuguesa e afro-brasileira, do mesmo modo que a Lei n. 10.639/2003 (9 de janeiro de 2003), que prevê os estudos da Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, através da literatura. Logo, não faltam justificativas para a abordagem dos textos literários selecionados para a sala de aula, uma vez que é por meio da leitura crítica que o homem se torna melhor, esquivando-se da hipocrisia, porque “[...] o texto literário me fala de mim e dos outros; provoca minha compaixão; quando leio eu me identifico com os outros e sou afetado por seu destino; suas felicidades e seus sofrimentos são momentaneamente os meus” (COMPAGNON, 2009, p. 62).

Em relação ao plano organizacional do trabalho, cumpre apontar que este se divide em quatro partes: na presente seção, elencamos nosso objetivo com o estudo, indicamos a metodologia adotada, bem como justificamos sua realização. Já na segunda, retratamos a importância do ensino de literatura. Em seguida, passamos à descrição da proposta de plano de aula elaborada. Na quarta e última seção, registramos nossas considerações finais.

## 2 LITERATURA E ENSINO

O presente trabalho conta com estudos relacionados à teoria e à prática do ensino de literatura em sala de aula, apresentando como proposta a representatividade da mulher negra por meio da literatura africana e afro-brasileira, nos contos “Mutola” e “Olhos d’água”. Diante de alguns estudos norteadores para a elaboração do plano de aula, retomamos a importância do contato literário no processo de humanização da sociedade. Candido (2011, p. 182) entende por humanização:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Com o objetivo de defender o direito à literatura como um dos direitos humanos, Candido (2011, p. 188) aponta que a literatura é uma necessidade universal, já que ela dá “[...] forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza”. Rouxel (2013) também entende que através da leitura sensível dos textos literários é construída a humanidade do sujeito leitor. Nesse contexto de interpretação, cabe ressaltarmos que a literatura por si só não ensina, pois necessita de uma reflexão realizada por meio da leitura dos textos literários, os quais por sua vez:

apresentam uma riqueza em sua grandeza de nos mostrar o que sonhamos, o que não sonhamos e o que nem sabíamos que poderia ser sonhado. Os textos literários podem nos apresentar a realidade que queremos ver, a que não queremos e a que nem sabíamos que existia. A riqueza dos textos reside em sua enorme capacidade de nos encantar por meio da linguagem, seja ela elaborada formalmente, informalmente, mas sempre criativamente. A habilidade de nos transmitir conhecimento, de nos contar algo, de nos fazer esquecer um pouco do mundo que nos cerca e de entrarmos em um mundo novo, desconhecido, porém significativo. Nisso reside o caráter da leitura literária: transformação. (PAZ; BERNED, 2016, p. 137).

Com efeito, os contos que serão abordados para a elaboração do plano foram escolhidos em função das qualidades literárias constitutivas e não meramente pelo seu tema, visto que o conto faz parte de um recorte que abre para uma realidade

muito mais ampla, parafraseando Cortázar (2008, p. 151-152) ao comparar o conto com a fotografia. Ainda assim, como diz Rouxel (2013, p. 24) “[...] é importante também propor obras das quais eles [alunos] extrairão um ganho simultaneamente ético e estético, obras cujo conteúdo existencial deixe marcas”.

É por meio da literatura lida em sala de aula que os alunos ficam expostos a uma experiência fictícia, que acabam por desenvolver uma construção de pensamentos que enriquecem seu imaginário e sua sensibilidade (ROUXEL, 2013, p. 24). Diante da pedagogia feminista, a qual se utiliza de correntes Freirianas, a “conscientização”, a “libertação” ou a “transformação” dos sujeitos e da sociedade são necessárias para que se “fortaleça” ou se “empodere” as mulheres (LOURO, 2014, p. 119). Como exposto até o momento, isso pode ser desenvolvido pela leitura de textos literários e aulas que promovam essa reflexão.

No que diz respeito às funções da literatura, Antônio Candido (2011, p. 178-179) as explica em três faces: a primeira como “uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado”; a segunda “é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos”; e a terceira “é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente”. Entretanto, diferente do que observamos neste estudo até o momento, a literatura não atua sobre as pessoas, devido ao seu terceiro aspecto, mas através da simultaneidade de efeitos causados por meio de suas três faces. O grande crítico da literatura coloca o primeiro aspecto como “crucial”, já que cabe a esse aspecto decidir se existe comunicação literária. Candido (2011, p. 179) pontua que:

Se fosse possível abstrair o sentido e pensar nas palavras como tijolos de uma construção, eu diria que esses tijolos representam um modo de organizar a matéria, e que enquanto organização eles exercem papel ordenador sobre a nossa mente. Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo.

De fato, as estruturas das palavras elaboradas pelo poeta ou narrador são necessárias para a coerência do texto. Candido (2011, p. 180-181) entende que a “forma” de um texto tem a propriedade de impressionar o leitor e enriquecer a obra literária, de modo que a ordem definida pelo autor “permite que o conteúdo ganhe maior significado”. Sabendo que o conteúdo necessita da forma para atuar, porque

carrega a “[...] capacidade de humanizar, devido a coerência mental que pressupõe e sugere” (Ibid., p. 180), ela possibilita o efeito de sentir no leitor. Desse modo, Perrone-Moisés (2016, p. 77) também considera a “forma” como um elemento necessário em um texto, já que essa “forma” construída pelo escritor, diferencia a obra literária de um texto verbal comunicativo, por exemplo.

Em vista das reflexões abordadas até o momento, é importante mencionarmos que o desenvolvimento do plano, bem como as aulas de literatura, tem o objetivo de promover a leitura e formar alunos leitores. Por isso, entendemos que, em cada página lida, constrói-se o pensamento autônomo do aluno, que “[...] com cada livro que se lê se coloca um tijolo no alto da grande muralha que é o conhecimento. Com cada leitura damos um passo à frente da ignorância” (GIARDINELLI, 2010, p. 112).

Além disso, o docente tem uma grande responsabilidade na formação leitora de seus alunos e é, também, por esse motivo que a leitura de textos literários deve estar inserida nessa formação, pois, de acordo com Giardinelli (2010, p. 110, grifos do autor), “[...] a literatura não é feita para dar respostas. Mas parece dar. A literatura, diz-se por aí, não serve para nada. Mas não é tão inútil. Também se afirma que não faz revoluções. Muito bem, mas contribuiu para elas e escreveu *todas elas*”.

No que tange à prática educativa, é necessário que haja a existência de sujeitos, “[...] um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina” (FREIRE, 2021, p. 68), assim como, “[...] a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; implica em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideias” (Ibid.), ou seja, uma educação política e não neutra. Logo, para o ensino de literatura importa o desenvolvimento intelectual acompanhado do desenvolvimento emocional e social do aluno (GIARDINELLI, 2010, p. 110). Por esse motivo, Rouxel (2013, p. 31) destaca que:

As pesquisas atuais em didática da literatura, fundadas no estudo muito preciso de transcrições de curso, mostram que é a atenção dada ao aluno, enquanto sujeito, a sua fala e a seu pensamento construído na e pela escrita que favorece seu investimento na leitura. A importância do clima estabelecido no interior da comunidade interpretativa (a classe, o professor) é enfatizada: um contexto onde reinam a confiança, o respeito e escuta mútuos é propício ao encontro com os textos literários – e é mesmo determinante.

Dessa maneira, cabe ao professor “[...] criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que estão inseridos” (COSSON, 2021, p. 29). É por isso que procuramos desenvolver uma proposta de plano de aula capaz de proporcionar uma experiência humanizadora aos alunos, pois sabemos que somente a leitura do texto literário não é suficiente.

Dito isso, com o objetivo de buscarmos cumprir os objetivos deste trabalho, utilizamos como base teórica, para a elaboração do plano de aula, o letramento literário, de Rildo Cosson, porque:

É justamente para ir mais além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas assim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2021, p. 30).

Compreendemos que a literatura tem três tipos de aprendizagem: a “aprendizagem da literatura”, que está relacionada em experienciar o mundo por meio da palavra; a “aprendizagem sobre a literatura”, que abrange os conhecimentos teóricos e críticos; e a “aprendizagem por meio da literatura”, relativa às habilidades que a prática da literatura promove (COSSON, 2021, p. 47). Numa abordagem que contemple o processo de letramento literário do aluno, consideramos a primeira aprendizagem como fundamental para as atividades que envolvam a literatura na escola, assim como para o desenvolvimento do plano de aula que será proposto no presente trabalho.

### 3 PROPOSTA DE PLANO DE AULA

Nesta seção, desenvolveremos a proposta de um plano de aula com base metodológica na obra *Letramento Literário: teoria e prática*, de Rildo Cosson (2021), além de trazermos à tona outros teóricos, que deram subsídio para o desenvolvimento do plano em questão. Vale ressaltarmos que este foi pensado para ser desenvolvido no mês de novembro e ter relação com o “Dia da Consciência Negra” (20 de novembro), incluído no calendário escolar pela Lei nº 10.639/2003, pois apresentamos como temática principal a representatividade feminina de dois contos de autoria feminina afro-brasileira e africana.

Os contos selecionados para o plano foram “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, e “Mutola”, de Paulina Chiziane. Através das escritas dessas duas autoras contemporâneas, podemos identificar um olhar afetuoso e delicado para descreveras vivências de suas personagens. Olhares e escritas que se misturam ao contarem histórias de mulheres que passam por suas dificuldades particulares, mas que não se deixam levar pelo sofrimento, continuando na busca de uma vida melhor e na realização de seus sonhos. Consideramos que o trabalho com o gênero literário conto é “[...] a porta de entrada para conquistar novos leitores e introduzi-los ao estudo e leitura da literatura” (ECKERLEBEN; PAZ, 2016, p. 210).

Apesar de os dois contos não apresentarem como temática as situações vividas devido a cor das personagens, nem apresentarem questões em relação ao racismo, é possível notar que estamos lendo sobre a história de duas personagens negras. Em “Olhos d’água”, percebemos a raça da narradora, quando ela comenta sobre os momentos que sua mãe se tornava em uma grande “boneca negra” para assuas filhas (EVARISTO, 2016, p. 16).

Tanto em “Olhos d’água” (2016) quanto em “Mutola” (2019), compreendemos as origens africanas. No primeiro conto, a própria narradora-personagem diz: “eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos...” (EVARISTO, 2016, p. 18). No segundo, há palavras que demonstram as origens de pessoas moçambicanas, como a própria “Mutola”, “Chivambo” e “Zambeze”, por exemplo (CHIZIANE, 2019, p. 125). Logo, selecionamos contos que se cruzam, não apenas pela escrita das autoras, abordadas anteriormente, mas também por suas origens e pelos temas sociais retratados por vozes de mulheres negras.

O plano de aula tem como tema a representatividade feminina através dos dois contos já mencionados e apresenta como objetivos específicos: I) ler e analisar os contos “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, e “Mutola”, de Paulina Chiziane, percebendo a escrita das autoras, explorando a representatividade feminina e reconhecendo os problemas sociais e preconceitos enfrentados pelas personagens; II) promover a reflexão, sensibilidade e empatia dos alunos, propondo atividades de entrevistas com as mulheres de sua família e relacionando-as com os sujeitos femininos do conto; III) explorar a capacidade textual e oral dos alunos nas pesquisas, entrevistas e apresentações, desenvolvendo essas habilidades de maneira construtiva e crítica; e IV) discutir sobre a história das mulheres apresentadas nos contos, relacionando com a realidade da sociedade atual, a fim de identificar os avanços da sociedade, bem como perceber a permanência e a resistência do preconceito de gênero e dos problemas sociais conservados na atualidade.

Para a realização do plano, combinamos momentos da sequência básica e da sequência expandida de Rildo Cosson (2021), o que resultou em seis passos, sendo eles: a motivação, a introdução, a leitura, a primeira interpretação, a contextualização e a segunda interpretação, desenvolvidos para cada um dos contos, no intuito de trabalharmos os textos em sua integralidade. A Base Curricular Nacional Comum (BNCC, 2018, p. 488) reconhece a importância de “[...] possibilitar uma reflexão sobre as condições que cercam a vida contemporânea [...] sobre temas e questões que afetam os jovens”. Ela também evidencia que “[...] as vivências, experiências, análises críticas e aprendizagens” (Ibid., p. 488) propostas no campo da vida pessoal “[...] podem se constituir como suporte para os processos de construção de identidade” (Ibid., p. 488), como também, “[...] possibilitam uma ampliação de referências e experiências culturais diversas e do conhecimento sobre si” (Ibid., p. 488). Além disso, destacamos na proposta desse plano, a habilidade indicada no campo artístico-literário pela BNCC (2018, p. 526), que dispõe da habilidade de:

(EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões

de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente.

Entendemos, assim como Cosson (2021, p. 47), que a aprendizagem da literatura deve ser levada como o centro no que se refere às atividades literárias na escola. Por isso, a leitura do texto é tão importante quanto as respostas que são construídas para ela. Com efeito, o plano de aula proposto prioriza a leitura dos contos, mas também contempla o processo de letramento literário, com o intuito de ultrapassar a simples leitura de textos e criar possibilidades para o aluno compreender criticamente os discursos e as práticas que constituem a literatura.

Primeiramente, selecionamos o trabalho com o conto “Olhos d’água”, pois acreditamos que a sua leitura e toda a proposta pensada mobilizará a sensibilização dos alunos diante da história de vida da personagem. Do mesmo modo, os discentes poderão lembrar momentos ou pessoas de sua vida e, se for o caso, enxergar-se na personagem. Rouxel (2013, p. 32) comenta que a:

Disponibilidade ao texto e desejo de literatura são fenômenos construídos decorrentes tanto dos domínios cognitivos quanto afetivos. As pesquisas atuais em literatura e em antropologia cultural se interessam pelas emoções e pelos laços que elas tecem com a cognição. E é sobre a emoção e a inteligência que se constroem a relação estética e a literatura. Pela leitura sensível da literatura, o sujeito leitor se constrói e constrói sua humanidade.

Em nossa primeira aula, prevista para o 3º ano do Ensino Médio, começaremos com a parte inicial da sequência de Cosson (2021), intitulada “motivação”. Esse primeiro passo “[...] consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto” (COSSON, 2021, p. 54). Uma boa motivação é essencial, dado que, “[...] o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende disso” (Ibid., p. 54). Logo, faremos oralmente algumas perguntas norteadoras, sobre a infância dos alunos, para instigar um debate em sala de aula. As perguntas são: *como foi a sua infância? Você tem ou teve pai e mãe presentes durante a sua infância? Você tem saudades da infância que teve?*. Entendemos que as perguntas mobilizarão os alunos a responderem diretamente, pois, assim como no conto, tratamos de motivá-los através de questões simples, mas que, ao mesmo tempo, tendem a gerar discussões e estabelecer um laço estreito com o conto que será lido.

Em seguida, daremos início ao próximo passo, que consiste em introduzir propriamente o conto. De acordo com Cosson (2021, p. 57), a introdução diz

respeito “[...] à apresentação do autor e da obra”. Nesse momento, questionaremos aos alunos se já conhecem a autora Conceição Evaristo ou se já ouviram falar dela, a fim de que, logo após, ocorra a apresentação breve da escritora e de suas obras, através de slides. Ademais, complementaremos a introdução com a reprodução de um vídeo curto, no qual a escritora é entrevistada e conta um pouco de sua história.

Ressaltaremos aos alunos a importância do conto selecionado e justificaremos a nossa escolha, envolvendo razões pessoais, teóricas e metodológicas, semelhante ao que abordamos ao iniciar esta seção, do mesmo modo como apresentaremos o livro *Olhos d’água* (2016) em versão física para que os alunos possam conhecer a obra fisicamente. Dessa maneira, nossa intenção introdutória corresponde à função de permitir que “[...] o aluno receba a obra de uma maneira positiva” (COSSON, 2021, p. 61). Destacamos também que a motivação e a introdução descritas até o momento foram pensadas para uma aula, sendo possível que se prolongue em no máximo duas, pois entendemos que isso dependerá da quantidade de alunos e da participação da turma.

No próximo encontro, iniciaremos com a primeira leitura do conto “Olhos d’água” de Conceição Evaristo, para isso, será entregue aos alunos, uma cópia impressa do conto, a fim de que acompanhem a leitura. Compreendemos que, “[...] a leitura em voz alta é o melhor caminho para criar leitores” (GIARDINELLI, 2010, p. 115) e, conforme a situação, são “[...] os mediadores que devem tomar a decisão de quando, o que, como e onde ler em voz alta” (Ibid., p. 114). Vale enfatizarmos o papel dos professores na formação dos alunos, já que são eles que devem ser os primeiros leitores a estimularem o desejo pela leitura, de acordo com Giardinelli (2010, p. 119).

Assim, seguiremos com a estratégia de pós-leitura, denominada por Cosson (2021, p. 83), em sua sequência expandida, de primeira interpretação, que “[...] destina-se a uma apreensão global da obra”. Para a atividade da primeira interpretação, será proposto uma breve escrita dos alunos em forma de depoimento. Isso ocorrerá seguido da leitura, pois o objetivo principal dessa atividade é abrir um espaço para os discentes apontarem a sua impressão da história do conto e o impacto que ela teve sobre eles, de modo que não seja interferido pela opinião dos colegas ou do professor. Além disso, teremos um maior contato com os alunos e suas escritas. Logo depois dessa tarefa, realizaremos uma roda de conversa com a

turma, para que expressem e troquem suas impressões de modo oral. Salientamos a necessidade da primeira interpretação ser realizada em sala de aula, dado que:

Essa exigência decorre do caráter de fechamento de uma etapa que a primeira interpretação precisa trazer consigo. Ela deve ser vista, por alunos e professor, como o momento de resposta à obra, o momento em que, tendo sido concluída a leitura física, o leitor sente a necessidade de dizer algo a respeito do que leu, de expressar o que sentiu em relação às personagens e àquele mundo feito de papel. A disponibilização de uma aula para essa atividade sinaliza, para o aluno, a importância que sua leitura individual tem dentro do processo de letramento literário. (COSSON, 2021, p. 84).

Em um segundo momento, entregaremos aos estudantes um material impresso com atividades interpretativas, para que respondam em seus cadernos, individualmente. As atividades, intituladas como “compartilhando saberes”, farão parte de um movimento em que eles terão, muitas vezes, de voltar no conto, reler e desenvolverem uma compreensão mais intensa e crítica. Assim, elaboramos cinco questões, com suas respectivas continuidades (a, b e c), visando convidar os alunos a uma “aventura interpretativa”, que os encoraje à leitura subjetiva do conto, mas que também exija argumentos convincentes, pois cabe aos professores ensiná-los a perceberem e, conseqüentemente, evitem um “delírio interpretativo” (ROUXEL, 2013, p. 22).

Destinamos as perguntas realizadas para o contexto interpretativo, uma vez que “[...] não faz sentido, uma questão no ensino médio que peça que o estudante identifique o autor, o período [...] a menos que tal informação esteja articulada as outras que maximizem a potência textual” (DALVI, 2013, p. 89). Dessa maneira, elaboramos perguntas que obriguem, de certa forma, os discentes a prestarem mais atenção e a voltarem no texto para refletirem sobre suas respostas. Como ocorre na segunda atividade, em que perguntamos o nome da narradora-personagem, mesmo que essa informação não seja dada no conto.

Buscamos evidenciar trechos do conto para provocar nos alunos o reconhecimento dos problemas sociais vivenciados pela personagem. Do mesmo modo, mesclamos as atividades em perguntas mais objetivas e perguntas que exigem maiores complexidades no desenvolvimento das respostas, como também requerem os conhecimentos de mundo do aluno. Conforme Dalvi (2013, p. 89), é “[...] desejável que haja uma mescla, especialmente em atividades avaliativas pontuais, de textos de baixa, média e alta complexidade e também de questões mais

diretas' e 'objetivas' a questões de maior complexidade". Entendemos que esse momento das atividades interpretativas, denominada "compartilhando saberes", terá início em sala de aula, mas não necessariamente deverá terminar em aula também, podendo ser concluída em casa. Assim, em um próximo encontro com a turma, necessitaremos de um momento para levantarmos as questões e compartilharmos as interpretações realizadas, bem como discuti-las em sala de aula.

Dando seguimento à proposta do plano de aula, avançamos para o próximo passo metodológico: a contextualização, que consiste em compreender "[...] o aprofundamento da leitura por meio dos contextos que a obra traz consigo" (COSSON, 2021, p. 86). Nessa etapa, proporemos aos alunos a realização de uma pesquisa de campo, no qual eles entrevistarão uma mulher que tenha mais de sessenta anos de idade. Entregaremos um roteiro de pesquisa para a turma, contendo onze perguntas norteadoras a serem levadas na entrevista, bem como, um espaço para o próprio aluno produzir o seu questionamento e apontar as suas observações. Logo, será necessário esclarecer aos alunos a proposta dessa atividade, já que temos em vista um trabalho de comparação da entrevistada com a personagem principal do conto.

É interessante que a entrevista seja solicitada aos discentes com uma semana de antecedência, para que consigam realizá-la a tempo. Ademais, caberá ao professor observar se os seus alunos apresentam o conhecimento do funcionamento prático desse gênero textual. Concluídas as entrevistas, lembraremos sobre a atividade realizada e entregaremos um novo material impresso, a fim de que descrevam no quadro comparativo as semelhanças e as diferenças que identificaram entre a personagem do conto "Olhos d'água" e a mulher entrevistada. Entendemos que, com a atividade do quadro comparativo, os estudantes desenvolverão habilidades<sup>1</sup> contidas na BNCC (2018, p. 506), já que terão de analisar e estabelecer relações de intertextualidade entre os dois textos, partindo do que está escrito no conto e na entrevista.

Com efeito, desenvolveremos uma contextualização presentificadora, que "[...] busca a correspondência da obra com o presente da leitura [...] o aluno é convidado a encontrar no seu mundo social elementos de identidade com a obra lida, mostrando assim a atualidade do texto" (COSSON, 2021, p. 89). Acreditamos que a

---

<sup>1</sup> códigos: EM13LP03; EM13LP04.

proposta contextualizadora será muito significativa para os discentes, uma vez que relacionarão mulheres próximas a eles. Destarte, é importante a atenção do professor diante de seus alunos no momento reservado às trocas e aos debates dessa atividade, posto que “[...] é interessante que o professor promova a apresentação da contextualização para que toda a turma compartilhe os resultados das pesquisas” (COSSON, 2021, p. 92).

Na próxima aula, iniciaremos com a segunda interpretação, etapa em que solicitaremos aos alunos uma produção textual conclusiva, com objetivo de compreendermos o que foi relevante para eles, o que perceberam, desenvolveram e construíram até o momento, mas não como um registro final. A ideia é integrar a contextualização e a segunda interpretação, gerando harmonia e coerência nessas duas etapas (COSSON, 2021, p. 93). Assim, a intenção da linguagem escrita solicitada, cumprirá o papel de:

[...] transformar a pessoa em leitor consciente na medida em que ele exerce a atividade de ler de maneira produtiva (produzindo conhecimento adquirido) e reveladora (revelando informações culturais, sociais, políticas etc. então desconhecidas); na medida em que, mais que a obra, ele “lê”, por meio dela, o(s) mundo(s) do autor e dele próprio, leitor. (TINOCO, 2013, p. 140).

No encontro seguinte, iniciaremos uma nova motivação, voltada para o segundo conto a ser trabalhado com a turma, “Mutola” de Paulina Chiziane (2019). Retomamos que os dois contos sejam trabalhados integralmente, dando a devida importância que essas duas obras merecem. Além disso, a proposta de plano aborda uma sequência de leitura e atividades que dão seguimento ao desenvolvimento e objetivos que gostaríamos de instigar nos alunos. Como motivação, traremos, através de slides, algumas perguntas norteadoras acerca das mulheres nos esportes, com o objetivo de descobrir o que os alunos têm a dizer sobre isso. Após essas perguntas, explanaremos uma tabela, informando que os homens foram a maioria nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 2020 (COSTA, 2018). A partir de dados recentes, conduziremos um debate reflexivo em sala de aula, uma vez que “[...] a construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da motivação (COSSON, 2021, p. 55).

Dando sequência à metodologia de Cosson (2021), seguiremos com a introdução, numa mesma aula ou, se necessário, na aula seguinte. Adotaremos o mesmo método utilizado no conto anterior, apresentando brevemente a escritora Paulina Chiziane, por meio de slides, os quais proporcionarão um maior vislumbre de suas obras, a localização de Moçambique e a reprodução de uma entrevista realizada com a autora. Ademais, seria proveitoso a disposição de um mapa mundi na escola, para que os alunos observem melhor o continente africano. Nesse momento, caberá ao docente apontar os países africanos que tem a Língua Portuguesa como oficial, conforme a necessidade da turma, mas também destacar que dentre esses países são utilizadas diversas línguas africanas. Aproveitaremos a situação, para repassar o livro físico “As andorinhas” (que contém o conto selecionado) aos alunos, a fim de que manuseiem a obra. Assim, justificaremos, ainda, nossa escolha.

Na aula subsequente, entregaremos em uma folha impressa o conto “Mutola”, para que os alunos acompanhem a leitura do docente. Logo após, introduziremos a primeira interpretação do conto, solicitando uma breve pesquisa da vida de Maria de Lurdes Mutola. Com o intuito de realizar essa pesquisa na escola, utilizaremos a sala de informática. Caso não haja na escola, eles poderão usufruir de seus próprios celulares. Logo, chamamos a atenção para os meios em que a escola dispõe, sendo possível propor a efetuação da atividade em casa ou optar pela realização em dupla, facilitando e contemplando a execução da proposta. Concomitantemente, os alunos estarão selecionando informações confiáveis, que contemplem e sustentem a pesquisa proposta, conforme exposto nas habilidades<sup>2</sup> dos campos de atuação social, estudo e pesquisa da BNCC (2018, p. 508-517).

A seguir, haverá um momento de socialização, em que serão levantadas algumas perguntas para iniciar a roda de conversa. Essa etapa tem o propósito de induzir os alunos a compartilharem dados das pesquisas, como também comentar se eles já tinham noção da realidade do conto e o que chamou a atenção deles. Noutras palavras, estimular o jovem a falar sobre o texto, explicitar seu ponto de vista e dialogar com a turma contemplam “[...] teorias desenvolvidas ao longo do século XX, tais como a busca de uma *pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire, e a

---

<sup>2</sup> Códigos: EM13LP12; EM13LP30.

mudança do foco da leitura literária para a contribuição do leitor, empreendida pela estética da recepção” (ALVES, 2013, p. 45, grifos do autor).

Numa próxima aula, entregaremos um material impresso contendo nove atividades interpretativas, intituladas como “(des)fazendo saberes”, para serem respondidas no caderno, de forma individual. Elaboramos perguntas com o intuito de possibilitar aos alunos uma maior reflexão sobre a leitura realizada. Para tanto, produzimos questões em que o discente terá de analisar a repetição de verbos presentes em um trecho do conto e assimilar seu uso constante com o contexto em que se insere. Ademais, a produção das respostas exigirá uma maior elaboração por parte dos estudantes, pois será proposto um movimento de reflexão e justificativa. As perguntas também problematizarão questões polêmicas do conto, requerendo a releitura do aluno para a elaboração de uma resposta.

Para a sétima atividade interpretativa, apresentaremos um infográfico que convida o discente a analisar e relacionar os dados estabelecidos com o conto “Mutola”. A pesquisa recente trata da realidade de meninas que apresentam a mesma faixa etária dos alunos. Logo, esse pequeno recorte não só possibilita a identificação das alunas com os dados como também expõe “[...] as diferenças entre os gêneros na vida das meninas” (PLAN INTERNATIONAL, 2021, p. 12-13). O espaço escolar deve ser um dos locais para as reflexões acerca das desigualdades de gênero, pois, tal como Louro (2014, p. 125) salienta:

Se existe algo que pode ser comum a essas iniciativas talvez seja a atitude de observação e de questionamento – tanto para com os indícios das desigualdades como para com as destabilizações que eventualmente estão ocorrendo. Esse “afinamento” da sensibilidade (para observar e questionar) talvez seja a conquista fundamental para a qual cada um/uma e todos/as precisaríamos nos voltar. Sensibilidade que supõe informação, conhecimento e também desejo e disposição política. As desigualdades só poderão ser percebidas – e destabilizadas e subvertidas – na medida em que estivermos atentas/os para suas formas de produção e reprodução. Isso implica operar com base nas próprias experiências pessoais e coletivas, mas também necessariamente, operar com apoio nas análises e construções teóricas que estão sendo realizadas.

Como finalização das atividades interpretativas “(des)fazendo saberes”, solicitamos, na última questão, uma releitura do conto “Olhos d’água”, para que os alunos apontem relações entre as duas obras. Mais uma vez, os discentes serão provocados a realizarem atividades de graus mais simples aos mais complexos, exigindo deles um maior envolvimento com a leitura. Por conseguinte, as atividades

poderão ser concluídas em casa a fim de que, no próximo encontro, sejam socializadas com a turma.

O próximo passo do plano de aula consistirá na contextualização presentificadora. Nessa aula, submeteremos uma nova pesquisa, chamada “quebrando tabus”, a qual envolve a coleta de informações pessoais de cada aluno sobre os brinquedos que ganharam durante a sua infância. Para seguir com a atividade, evidenciaremos que eles deverão classificar os brinquedos em “femininos” e “masculinos”, conforme um pensamento mais conservador. Salientamos o objetivo dessa proposta como uma provocação, pois aqui eles terão de refletir sobre as influências existentes na sociedade que estão inseridos.

No intuito de aprofundarmos a proposta, solicitaremos uma atividade em grupo. Preferencialmente, os grupos deverão ser formados com a mesma quantidade de meninos e meninas, cabendo ao professor perceber a quantidade de alunos presentes na turma, uma vez que temos consciência que é improvável ter uma turma formada pela mesma quantidade de meninos e meninas. Dessa maneira, para a nova atividade, entregaremos uma tabela impressa, solicitando ao grupo uma análise comparativa dos brinquedos descritos por ele na atividade anterior. A comparação se dará através dos brinquedos que as meninas ganhavam em relação aos brinquedos que os meninos ganhavam, categorizados em: (1) brinquedos atrelados ao desenvolvimento de habilidades relacionadas a ação e independência; e (2) brinquedos relacionados aos afazeres domésticos e cuidados com os filhos.

Em vista disso, deixaremos claro que as atividades “quebrando tabus” têm como finalidade a apresentação das comparações do grupo à turma, por essa razão, os alunos terão de levar em consideração o gênero predominante do grupo, para que o compartilhamento de seus resultados e considerações seja o mais fiel possível. Para a construção dessa proposta de plano de aula, em especial a seção apresentada, acreditamos que a escola:

[...] também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditarmos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas,

especialmente para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades. (LOURO, 2014, p. 89-90).

A utilização de uma contextualização presentificadora é contemplada pela reflexão sobre os “papéis de gêneros” absurdos que estamos inseridos desde a infância, tal como aponta Adichie (2017, p. 27): “[...] pais e mães inconscientemente começam muito cedo a ensinar às meninas como devem ser, que elas têm mais regras e menos espaço, e os meninos têm mais espaço e menos regras”. Se o resultado da pesquisa entre os alunos reproduzir as diferenças, eles devem ser instigados a perceber a educação que tiveram. Entretanto, caso os resultados das comparações não apresentem diferenças de gêneros, os discentes devem ser instigados a perceber que a sociedade pode ser diferente e que eles mesmos tiveram uma educação diferenciada, mais emancipadora.

Logo após, traremos para a segunda interpretação, uma atividade escrita, individualmente. Ela envolverá poucas perguntas sobre a atividade anterior, no intuito de os alunos desenvolverem suas reflexões de maneira escrita, pois entendemos que “[...] interpretar equivale, portanto, a vincular a coerência da obra à coerência das representações que existem fora da obra” (JOUVE, 2012, p. 155). Desse modo, trabalharemos a contextualização e a segunda interpretação de “maneira direta” (COSSON, 2021, p. 92), pois integraremos as duas etapas sem que se tenha estabelecido uma quebra entre elas. Aprofundaremos a leitura em um dos aspectos, com o objetivo de romper, assim como a personagem “Mutola”, os tabus impostos para o gênero feminino.

Destarte, finalizaremos esse plano, com a proposta de expandir o que foi trabalhado e construído com os alunos até o momento dessa sequência. Como última atividade, a turma do terceiro ano formará grupos e selecionará, no mínimo, uma mulher afro-brasileira que fez ou faz história no Brasil, como também poderá selecionar mulheres afro-brasileiras de suas próprias famílias, para serem expostas em um mural da escola. Destacamos que a mediação do professor é fundamental para que não ocorra a repetição das mulheres afro-brasileiras. Em suma, nos detemos em elaborar atividades que fossem contextualizadas, para que o sentido e as propostas ficassem bem explicitadas para os alunos (DALVI, 2013, p. 90). Nesse momento, ainda, uniremos os dois contos trabalhados, porque tanto em “Olhos d’água” quanto em “Mutola” temos a representação de uma mãe que batalha para

criar as suas filhas e de uma mulher que insiste na realização dos seus sonhos. Ambas representam as lutas diárias femininas.

Por fim, destacamos que o plano de aula descrito apresenta suas limitações, pois sabemos que a sua aplicação dependerá da realidade da sala de aula, da escola e, conseqüentemente, dos discentes e docentes. Sendo assim, finalizamos este capítulo expondo a nossa proposta de avaliação. Durante as atividades que serão desenvolvidas, consideraremos a participação do aluno, o comprometimento com a realização das atividades interpretativas e com as pesquisas propostas. Entendemos a avaliação como um processo, dado que o nosso objetivo maior no letramento literário é engajar o aluno na leitura literária. No decorrer das atividades interpretativas, buscaremos pela interpretação e pelos argumentos que o aluno utilizou para responder, pois, como Cosson (2021, p. 113) salienta:

[...] a leitura do aluno deve ser discutida, questionada, e analisada, devendo apresentar coerência com o texto e a experiência de leitura da turma. Só assim se poderá aprofundar os sentidos que se construiu para aquela obra e fortalecer o processo de letramento literário individual e de toda a turma.

As seqüências de discussões e explanações de resultados serão tomados como essenciais no processo de avaliação, pois consideramos esses momentos relevantes para a reflexão de diferentes argumentos e construções de conhecimento. Assim, as etapas que envolverão a escrita dessas reflexões, como a segunda interpretação, serão exigidas uma maior elaboração, coerência, concatenação e eficácia do uso da linguagem por parte do aluno.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso interesse com a realização do presente trabalho esteve na elaboração de uma proposta de plano de aula, que buscasse a representatividade de mulheres negras. Para tanto, voltamo-nos à elaboração de um planejamento que oportunizasse uma educação literária transformadora, através da leitura dos contos “Olhos d’água” e “Mutola” e do desenvolvimento de atividades que envolvessem os alunos em reflexões sobre o tema.

Nesse viés, procuramos proporcionar leituras que desacomodassem os discentes. No conto “Mutola”, a personagem principal é vítima de discursos machistas, por buscar a realização dos seus sonhos no esporte. Já a narradora de “Olhos d’água” relembra as atitudes de sua mãe diante das situações de vulnerabilidade, impactando os problemas sociais existentes na vida dessas mulheres.

Pudemos visualizar que a proposta de plano de aula desenvolvida durante o percurso deste trabalho contribui para o cumprimento da Lei n. 10.639/2003, que estabelece o ensino da Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. Nesse sentido, construímos um plano que desencadeasse experiências na vida dos discentes, proporcionando e criando condições de desenvolvimento de suas emoções, seu caráter, sua empatia e seu processo de humanização.

Consideramos necessário reconhecer as limitações do plano, uma vez que não foi aplicado em sala de aula. Compreendemos que a sua prática dependerá da realidade dos estudantes, do professor e da comunidade escolar, por esse motivo pode implicar em diversos resultados. Logo, acreditamos na proposta desenvolvida, pois, também, cabe ao professor refletir sobre o planejamento de sua prática: objetivos, etapas e materiais produzidos.

Em linhas gerais, consideramos fundamental o ato de buscar propostas que promovam o letramento literário. Dessa forma, planejamos aplicações que apreciem uma leitura crítica e participativa, visto que é através da educação que poderemos proporcionar o crescimento dos alunos e formar cidadãos mais conscientes sobre as diversas realidades.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ALVES, José Hélder Pinheiro. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. In: DALVI, Maria Amélia.; REZENDE, Neide Luzia.; JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 35-49.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 20 Jun. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 20 Jun. 2022.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CHIZIANE, Paulina. **As Andorinhas**. 3. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2019.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2021.
- COSTA, Guilherme. Apesar do avanço, oito modalidades terão mais homens que mulheres em Tóquio 2020. **GE**, 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/brasil-em-toquio/noticia/apesar-do-avanco-oito-das-49-modalidades-terao-mais-homens-que-mulheres-em-toquio-2020.ghtml>. Acesso em Jul. 2022.
- COSTA, Eliane; PEREIRA, Flávio; PEREIRA, Márcia Regina Santana. O feminino, tempos e espaços em As Andorinhas de Paulina Chiziane, e em Becos da Memória de Conceição Evaristo. **Revista Porto das Letras**, v. 4, n. 2, p. 78-79, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/4314/13975> Acesso em: 27 Jan. 2022.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, Maria Amélia.; REZENDE, Neide Luzia.; JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 67-97.

ECKERLEBEN, Bruna Carolina; PAZ, Demétrio Alves. Violento e perigoso: Rubem Fonseca em sala de aula. Centro de Ciências Naturais e Exatas (CCNEXT). v.3 Ed. Especial- XII EIE- **Encontro sobre Investigação na Escola**, p. 209-214, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 68ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. **A condição feminina em Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane**. 2012. 171f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

GIARDINELLI, Mempo. **Voltar a ler**: propostas para construir uma nação de leitores. São Paulo: Nacional, 2010.

JOUVE, Vicent. **Por que estudar literatura?**. São Paulo: Parábola, 2012.

LIMA, Omar da Silva. Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente. **Literafro**, Belo Horizonte, UFMG, 2021. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/194-conceicao-evaristo-escritora-negra-comprometida-etnograficamente-critica>. Acesso em: 30 Ago. 2022.

LOURO, Guaraci Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PAZ, Demétrio Alves; BERNED, Pablo Lemos. Mediação de leitura e PIBID: Clube de Leitura e formação de leitores. **Todas as Musas: Revista de Literatura e das Múltiplas Linguagens da Arte**, São Paulo, v. 01, n. 01, p. 136-145. 2016.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Inútil poesia e outros ensaios breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PLAN INTERNATIONAL. **Por ser menina**: resumo executivo. Disponível em: <https://plan.org.br/estudos/resumo-executivo-pesquisa-por-ser-menina-no-brasil/>. Acesso em: 05 Jul. 2022.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia.; REZENDE, Neide Luzia.; JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 17-33.

TINOCO, Robson Coelho. Percepção do mundo na sala de aula: leitura e literatura. In: DALVI, Maria Amélia.; REZENDE, Neide Luzia.; JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 135-151.

## APÊNDICE A – PLANO DE AULA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CERRO LARGO/RS

---

**Plano de aula: Representatividade feminina através dos contos “Olhos d’água de Conceição Evaristo e “Mutola” de Paulina Chiziane**

*Amanda Oliveira Menezes*

### **1 Identificação da turma**

1.1 Série / Ano / Turma / Turno: 3º ano do Ensino Médio.

1.2 Número de alunos: 30 alunos

### **2 Tema**

Representatividade feminina afro-brasileira e africana através dos contos “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, e “Mutola”, de Paulina Chiziane.

### **3 Objetivos**

3.1 Objetivo geral:

Possibilitar aos alunos momentos de contato com textos literários de autoria feminina afro-brasileira e africana de Língua Portuguesa, de modo a motivar a análise e reflexão dos temas propostos nos textos e a representatividade feminina afro-brasileira e africana.

3.2 Objetivos específicos:

- Ler e analisar os contos “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, e “Mutola”, de Paulina Chiziane, percebendo a escrita das autoras, explorando a representatividade feminina e reconhecendo os problemas sociais e preconceitos enfrentado pelas personagens;
- Promover a reflexão, sensibilidade e empatia dos alunos, propondo atividades de entrevistas com as mulheres de sua família e relacionando-as com o sujeito feminino do conto;

- Explorar a capacidade textual e oral dos alunos nas pesquisas, entrevistas e apresentações, desenvolvendo essas habilidades de maneira construtiva e crítica;
- Discutir sobre a história das mulheres apresentadas nos contos e relacionar com a realidade da sociedade atual, identificando os avanços da sociedade, bem como, percebendo a permanência e a resistência do preconceito de gênero e dos problemas sociais conservados na atualidade.

**4 Tempo previsto para a duração da prática:** 10h/a.

## **5 Procedimentos metodológicos**

### 5.1 Definição e justificativa:

Como suporte para a realização do plano, foi utilizada a sequência básica de Rildo Cosson (2021). Essa sequência prevê seis passos, sendo eles: a motivação, a introdução, a leitura, a primeira interpretação, contextualização e a segunda interpretação. Este plano de aula apresenta como definição e justificativa o propósito de apresentar textos literários de autoria feminina negra em sala de aula, os quais trazem à tona as vivências das personagens e ao mesmo tempo a realidade dessas histórias refletidas na sociedade, em que os discentes estão inseridos. Os contos “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, e “Mutola”, de Paulina Chiziane, abordam personagens do sexo feminino, as quais apresentam diferentes realidades e enfrentam suas próprias lutas. De um lado, temos uma filha, já crescida, que conta sobre a sua infância e, principalmente, sobre as lutas diárias de sua mãe diante das dificuldades; e, do outro, uma mulher que luta pela realização de seus sonhos. O plano de aula é direcionado aos alunos do 3º ano do Ensino Médio e tem o objetivo de problematizar questões sociais identificadas nos dois contos, trabalhar com a representatividade feminina negra e instigar a discussão e reflexão dos alunos.

### **Conto: “Olhos d’água” de Conceição Evaristo**

### 5.2 Estratégia(s) de pré-leitura:

#### 5.2.1 Motivação:

Como motivação, o professor trará algumas perguntas norteadoras, para instigar um debate em sala de aula:

- Como foi a sua infância?
- Você tem ou teve pai e mãe presentes durante a sua infância?
- Você tem saudades da infância que teve?

#### 5.2.2 Introdução:

Antes de apresentar o que será lido, o professor questionará aos alunos se já conhecem a autora ou se já ouviram falar dela. Em seguida, haverá a apresentação breve da escritora Conceição Evaristo e de suas obras, por meio de slides e da reprodução de um vídeo (Anexo I).

### 5.3 Estratégia(s) de leitura:

### 5.3.1 Primeira leitura:

Será entregue aos alunos uma cópia impressa do conto “Olhos d’água” da escritora Conceição Evaristo (Anexo II). Em seguida, o docente realizará a leitura do conto em voz alta, para que os alunos acompanhem.

### 5.4 Estratégia(s) de pós-leitura:

#### 5.4.1 Primeira interpretação:

Em um primeiro momento, será proposta a escrita individual de um depoimento (Anexo III), com o objetivo de abrir um espaço para o aluno apontar a sua impressão da obra e o impacto que ela repercutiu no leitor. Após a realização dessa proposta, haverá um momento de debate, para os alunos expressarem suas primeiras impressões da leitura de modo oral.

Em um segundo momento, os discentes responderão no caderno, individualmente, as atividades interpretativas propostas pelo professor (Anexo IV), com o objetivo de voltarem ao texto e desenvolverem uma compreensão mais intensa e crítica.

#### 5.4.2 Contextualização presentificadora:

Nesse momento, os alunos realizarão uma pesquisa, individualmente, a qual se trata da realização de uma entrevista, em que eles entrevistarão uma mulher mais velha de sua família, que apresente mais de 60 anos de idade. Para isso, eles deverão seguir o roteiro de entrevista (Anexo V) indicado pelo professor. A seguir, deverão preencher um quadro comparativo (Anexo VI) entregue pelo docente, apontando as diferenças e semelhanças encontradas nas vivências da entrevistada e da personagem do conto “Olhos d’água”.

#### 5.4.3 Segunda interpretação:

Num próximo momento, os alunos farão uma roda de conversa, expondo o seu quadro comparativo aos colegas e professor, evidenciando a sua entrevista e comparação com a personagem do conto. Após essa troca, produzirão um texto de conclusão, que envolva as atividades realizadas até o momento: a entrevista, o quadro comparativo e a socialização (Anexo VII).

### **Conto: “Mutola” de Paulina Chiziane**

## 6. Estratégia(s) de pré-leitura:

### 6.1 Motivação:

Como motivação, o professor trará algumas perguntas norteadoras, que serão projetadas por meio de slides (Anexo VIII), para instigar um debate em sala de aula:

- Existem esportes só femininos ou só masculinos?
- Qual a sua opinião sobre as mulheres no esporte?
- Você saberia dizer nomes de mulheres que se destacam/ram nos esportes?

Além disso, o professor trará uma reportagem sobre a predominância do gênero masculino nas modalidades dos Jogos Olímpicos em Tóquio de 2020, para instigar um debate em sala de aula.

## 6.2. Introdução:

Como introdução, o professor perguntará aos alunos se já conhecem a escritora Paulina Chiziane. Em seguida, haverá uma breve apresentação da escritora, suas obras e país de origem (Moçambique), por meio de uma projeção em slides e da reprodução de um vídeo (Anexo IX).

## 6.3 Estratégia(s) de leitura:

### 6.3.1 Primeira leitura:

Será entregue aos alunos uma cópia impressa do conto “Mutola”, da escritora Paulina Chiziane (Anexo X). Em seguida, o docente realizará a leitura do conto em voz alta, para que os alunos acompanhem.

## 6.4 Estratégia(s) de pós-leitura:

### 6.4.1 Primeira interpretação:

Momento em que será proposto aos alunos uma pesquisa individual sobre a vida de Maria de Lurdes Mutola, envolvendo dados como (Anexo XI): data e local de nascimento, profissão, local onde mora na atualidade e vida pessoal. Após a realização da pesquisa, haverá um momento de socialização, para os alunos expressarem e pontuarem suas impressões da leitura do conto e da personagem principal, “Mutola”. A fim de nortear esse debate, o docente poderá levantar algumas perguntas aos alunos, como:

- Já havia escutado falar na Maria de Lurdes Mutola?
- Ao ler o conto, você imaginou que ele tratava de fatos reais?
- O que chamou a sua atenção na pesquisa realizada?

Em seguida, o professor entregará aos alunos um material impresso (Anexo XII) com atividades interpretativas, que serão respondidas no caderno e apresentam o objetivo de leva-los a refletir e desenvolver uma melhor compreensão sobre a leitura realizada.

### 6.4.2 Contextualização presentificadora:

No momento da contextualização, será proposto aos discentes uma nova pesquisa, envolvendo a coleta de informações próprias e pessoais de cada aluno, sobre os brinquedos que ganhava durante a sua infância. A seguir, o aluno classificará os brinquedos em dois tipos: femininos e masculinos, segundo o pensamento conservador (Anexo XIII).

Após essa atividade, os alunos formarão grupos de quatro pessoas, que integrem sexos opostos. Em seguida, o professor, entregará um novo material ao grupo (Anexo XIV), propondo uma comparação dos brinquedos ganhados pelo gênero

feminino e masculino, de modo que sejam analisados e classificados em dois critérios: (1) brinquedos atrelados ao desenvolvimento de habilidades relacionados a ação e independência e (2) brinquedos relacionados aos afazeres domésticos e cuidados com os filhos. Após a realização da atividade, os alunos compartilharão com a turma os resultados obtidos pelo grupo, através de uma apresentação.

#### 6.4.3 Segunda interpretação:

No intuito de finalizar a atividade proposta anteriormente, os alunos responderão, individualmente, três perguntas entregue pelo professor (Anexo XV), com o intuito de registrar a reflexão dos alunos, perante à coleta de dados e à socialização dos próprios discentes.

Por fim, como a última atividade proposta neste plano, os grupos selecionarão no mínimo uma mulher afro-brasileira que fez ou faz história no Brasil e, também, poderão eleger uma mulher afro-brasileira de sua família, para a realização de um cartaz, contendo os aspectos solicitados pelo professor (Anexo XVI), para que seja exposto em um mural na escola.

#### 5.6 Avaliação

Os alunos serão avaliados conforme a sua participação em sala de aula, o comprometimento com a realização das tarefas e com as pesquisas propostas pelo professor.

### 6 Recursos necessários:

Cópias do material impresso, inseridos em anexo, *notebook*, projetor, caixa de som e cartazes.

### 7 Referencial teórico

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2021.

### 8 Referências

Anexo I. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1b8kBp5Q2JLU8M-urEa\\_looXgeXEzTxzP/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1b8kBp5Q2JLU8M-urEa_looXgeXEzTxzP/view?usp=sharing)>. Acesso em

Anexo VIII. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/157jexfMpxmGEGg9Gx9X3RJtbs06Fp4i/view?usp=sharing>>. Acesso em jul. de 2022.

Anexo IX. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1Lc2gKQ6b2cfkv9v0cNNjO0zsN49D3nG5/view?usp=sharing>>. Acesso em jul. de 2022.

COSTA, Guilherme. Apesar do avanço, oito modalidades terão mais homens que mulheres em Tóquio 2020. **GE**, 2018. Disponível em: <<https://ge.globo.com/blogs/brasil-em-toquio/noticia/apesar-do-avanco-oito-das-49->

modalidades-terao-mais-homens-que-mulheres-em-toquio-2020.ghtml>. Acesso em jul. 2022.

Maria de Lurdes Mutola (1972). **Biografias de Mulheres Africanas**, 2020. Disponível em: < <https://www.ufrgs.br/africanas/maria-de-lurdes-mutola-1972/>>. Acesso em: 02 de jul. 2022.

## 9 Anexos

**Anexo I:** Apresentação da escritora disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1shfxn5WckYNGBs0CiO2-prnFr7wNBvGO/view?usp=sharing>>. Acesso em: 02 de jul. 2022.

### **Anexo II: Conto Olhos d'água - Conceição Evaristo**

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada custei reconhecer o quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente pergunta, martelando, martelando... De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusatório. Então, eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo, busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe aprendi conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... Da verruga que se perdia no meio da cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias, se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto das lágrimas escorrerem. Mas, de que cor eram os olhos dela?

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do

nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes colhíamos flores cultivadas em um pequenopedaço de terra que circundava o nosso barraco. Aquelas flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria, de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se assentava na soleira da porta e juntas ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umas viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas, de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, porque eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs que tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento, resolvi deixar tudo e, no outro dia, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

E assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivía a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de

minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei, quando, sussurrando minha filha falou:

Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016. p.15-19.

**Maria da Conceição Evaristo de Brito**, mais conhecida como Conceição Evaristo. Nascida na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, em 29 de novembro de 1946. A escritora cursou Letras na UFRJ, Mestrado em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, e Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Nos anos 1980, a autora conheceu o grupo Quilombhoje e em 1990 publicou seus primeiros poemas na série Cadernos Negros.

Fonte: Escrevivências: a violência física no corpo negro feminino em conceição evaristo. In: DREY, Leticia; PAZ, Demétrio. Reflexões sobre as escrevivências de Conceição Evaristo [recurso eletrônico] / [org.] Rosineia da Silva Ferreira, Celiomar Porfírio Ramos. – 1.ed. – Curitiba, PR: Bagai, 2020.



Registro fotográfico Richner Allan

### Anexo III: Depoimento do aluno

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: 3º ano.

Realize um depoimento por escrito sobre o conto lido, de no máximo 10 linhas. Para a realização da escrita, é necessário registrar a sua impressão, descrevendo o que pensa sobre a obra, se gostou ou não, o que chamou a sua atenção e por que.

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

---

---

## Anexo D: atividades interpretativas

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: 3º ano.

### COMPARTILHANDO SABERES

1. Após a leitura do conto “Olhos d’água” de Conceição Evaristo, responda:
  - a. Qual é o conflito vivido pela narradora do conto “Olhos d’água”?
  - b. Você acha que era realmente grave ela não lembrar a cor dos olhos de sua mãe? Por quê?
  - c. Ao longo do texto, há a repetição de uma pergunta: “ – Mas que cor eram os olhos de minha mãe?”. Com quem a narradora dialoga? Explique a sua resposta.
  
2. A narrativa é realizada em 1ª pessoa por uma narradora que também é personagem. Sendo assim, responda:
  - a. Como a narradora-personagem se apresenta no conto? Qual é o seu nome?
  - b. De que modo a narradora vê a sua própria mãe? Você acredita que a narradora se emociona ao falar de sua mãe?
  - c. O que a frase “às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância” significa?
  
3. No conto há dois espaços delimitados: um vivido pela narradora durante a sua infância e outro atual.
  - a. O que a narradora-personagem revela sobre o espaço em que viveu durante a sua infância?
  - b. Em quais momentos os olhos da mãe da narradora se confundiam com os olhos da natureza? Por quê?
  - c. Nesse momento da narrativa, pode-se observar algum problema social? Explique.
  
4. Apesar de ter saído cedo de casa, em busca de uma vida melhor, a narradora ressalta que nunca esqueceu de sua mãe, das mulheres de sua família e suas ancestrais de África. Logo, resolve visitar a cidade em que nasceu, reencontrar a sua mãe e lembrar da cor de seus olhos. A partir disso, responda:
  - a. Qual era a cor dos olhos de sua mãe?
  - b. Em sua opinião, a narradora buscava algo a mais do que a cor dos olhos de sua mãe? Explique.
  
5. Releia dois trechos retirado do conto:

**Trecho 1:** “Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe” (EVARISTO, 2016)

**Trecho 2:** Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. (EVARISTO, 2016).

- a. O primeiro trecho dialoga com a ancestralidade e identidade negra da narradora. Diante disso, os olhos e a dúvida sobre eles estão relacionados ao olhar da narradora sobre si mesma e sobre o mundo. Explique com suas palavras: o que os olhos simbolizam na narrativa?
- b. Em relação ao segundo trecho: esse momento da narrativa despertou algum sentimento em você? Qual?
- c. O trecho 2 denuncia algum problema social? Explique.

## **Anexo V: Entrevista**

Na leitura do conto “Olhos d’água”, você conheceu um pouco da infância da narradora e reviveu momentos marcados pela dura realidade da miséria e das dificuldades enfrentadas por ela e sua família. Ao mesmo tempo, pode se encantar pela figura materna que a protege e a reconforta nos momentos mais tristes. Essa e outras realidades fazem parte da vida de diversas mulheres, principalmente, negras.

Em vista disso, entreviste uma mulher mais velha de sua família e pergunte sobre suas vivências durante a infância, para isso não é necessário expor o nome da entrevistada. Assim, leve em consideração algumas perguntas essenciais, previstas no roteiro de entrevista abaixo.

### **Roteiro de entrevista:**

1. Idade da entrevistada: \_\_\_\_\_
2. Cor: ( ) branca. ( ) parda. ( ) negra. ( ) amarela ou indígena.
3. Escolaridade:
  - ( ) Ensino Fundamental completo.
  - ( ) Ensino Fundamental Incompleto.
  - ( ) Ensino Médio completo.
  - ( ) Ensino Médio incompleto.
  - ( ) Ensino Superior.
  - ( ) Nenhuma das alternativas anteriores.
4. Onde viveu durante a sua infância:
 

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

( ) área urbana. ( ) área rural.
5. Com quem você viveu durante a sua infância?

---



---

6. Quem cuidava de você?

---

---

7. Como foi a sua infância?

---

---

---

8. Você se considera uma pessoa que teve uma boa infância? Por quê?

---

---

---

---

9. Passou por algum(s) momento(s) de dificuldade(s) durante a infância? Que tipo(s) de dificuldade(s)?

---

---

---

---

10. Você era responsável por alguma(s) atividade(s) dentro de casa ou fora? Se sim, Qual(is)?

---

---

---

11. Sua vida mudou em comparação ao que era na sua infância? Cite um exemplo.

---

---

---

No espaço abaixo, produza uma pergunta (ou mais) a sua entrevistada, contemplando a iniciativa da proposta dessa entrevista. Utilize o mesmo espaço para apontar algumas observações suas, caso necessite.

---

---

---

---

---

---

**Anexo VI: Quadro comparativo**

Nome: \_\_\_\_\_

Turma: 3º ano.

Releia o conto “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, e desenvolva, no quadro comparativo abaixo, uma comparação entre a infância da mulher entrevistada na sua pesquisa e a personagem principal do conto, apontando as diferenças e semelhanças que identificar.

<b>Relações das infâncias entre a personagem do conto e a entrevistada</b>	
<b>Semelhanças</b>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
<b>Diferenças</b>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

### **Anexo VII: atividade conclusiva**

**Nome:** \_\_\_\_\_ **Turma: 3º ano.**

Após as trocas de conversa, redija um texto de conclusão, de no mínimo 10 linhas e máximo de 20, considerando as atividades realizadas até o momento: a entrevista, o quadro comparativo e a socialização. Desenvolva nas suas considerações, momentos e atividades que chamaram a sua atenção, principalmente, durante a realização do quadro comparativo, discorra se houve algo que acabou descobrindo sobre sua família durante as entrevistas e reflita, na sua produção, se o gênero, a cor e a classe social fazem alguma diferença na realidade das mulheres.

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**Anexo VIII:** estratégia de pré-leitura disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1uUiMYdHSCFt0YD32OhtJHBlrqh4vjktT/view?usp=sharing>>. Acesso em: 02 de jul. 2022.

**Anexo IX:** Apresentação da escritora disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1kBSrYExMiMGzsZCEMPYUVv5XHdDhMfA6/view?usp=sharing>>. Acesso em: 02 de jul. 2022.

## **Anexo X: Conto Mutola Paulina Chiziane**

### **1**

O Chivambo gostava de contar histórias, mas esta era a sua preferida. Contava-a tantas vezes quantas podia. Uns ouviram-no quando pregava na Igreja Presbiteriana de Chamanculo, lá para os anos 1960. Os colegas ouviram-no no quarto do colégio da missão. Outros ainda ouviram-no de armas nos ombros, na marcha de libertação.

Era uma vez...

Um homem apanhou uma águia pequenina. Levou-a para casa e pô-la na capoeira. Educada como uma galinha, a águia até comia a comida dos patos. Comportava-se como uma verdadeira galinha.

Um biólogo passou por ali e exclamou:

— Uma águia na capoeira de galinhas?

— Era uma águia, mas transformei-a em galinha apesar de todo o seu tamanho – respondeu o dono da capoeira, muito vaidoso.

— Não, responde o biólogo. Uma águia é uma águia. Nasceu para governar o mais alto dos céus.

— Esta? Nunca mais voará!

Discutiram. O dono da capoeira teimava e, por isso, fizeram a aposta. O biólogo, erguendo a pesada ave, disse:

— Águia, águia, abre as tuas asas e voa.

A ave olhou para todos os lados. Viu o farelo e as galinhas a debicar. Voltou para o chão e continuou a sua vida de galinha. O dono afirmou, contente:

— Viu?

O biólogo teimou.

Fizeram a experiência mais três vezes e nada! A águia era mesmo galinha. Na quinta tentativa, o biólogo obrigou a ave e confrontar o sol enquanto implorava:

— Águia, águia, abre as tuas asas e voa!  
A ave real abriu as asas e lançou-se no voo. Subiu, subiu até desaparecer no horizonte.

As águias, como as andorinhas, são filhas da liberdade.

## 2

— És. completamente maluca, Lurdes — diziam as amigas lá do bairro. Tu não és mulher!

— Por quê? O que significa ser mulher? - questionava, incrédula.

— Ah! Mas que pergunta! — diziam com ar de gozo. Será que nunca viste nas revistas, nas novelas?

— Não tenho vontade nenhuma de perder o meu tempo a entrançar cabelos de boneca —respondia, zangada.

— Devias, sim, preocupar-te com coisas de mulher. Por exemplo, ser mais sensual. Fazer enxoval. Concluir um curso de cozinha e outro de boas maneiras enquanto esperas um noivo, para casar e fazer filhos. Não é para isso que as mulheres servem?

— Farei tudo isso um dia...

— Um dia? Vais perder essa juventude toda à espera do tal dia?

Manifesta-se a cegueira humana diante dos seres eleitos. Contemplando os gênios, nós os vulgares, achamo-los diferentes, estranhos, curiosos e dignos das mais severas críticas. Diante deles, nos sentimos perfeitos e, vezes sem conta, ferimo-los com os sabres venenosos que residem nas nossas línguas...

— Conheço uma boa estilista. Queres vir?

— Não tenho tempo, vou treinar

— Ah, só faltava essa. Não nos venha amanhã que não tens namorado!...

— As andorinhas, correndo às voltas no céu, me inspiram. Atrás de uma bola no relvado, sinto-me a voar na conquista do mundo. Vou inscrever-me num clube de futebol. Que mal há nisso?

— Vais estragar o corpo, Lurdes! Vais ficar com os músculos rijos. Os homens gostam de mulheres de peles lisas como caju. Gostam de músculos suaves como carne de frango. Vais jogar futebol? Enlouqueceste de vez.

— Pode ser que esteja louca, sim. Mas a bola me atrai. Depois dos treinos e da competição, poderemos ir?

— Essa é boa! As duas coisas não casam. Ou escolhes uma, ou escolhes outra.

— Tudo bem, vou pensar. Mas, por favor, deixem-me realizar os meus sonhos e seguir à minha estrada.

Ninguém conseguia entender bem como é que ela conseguiu entrar num clube de futebol masculino. Devem tê-la aceite por curiosidade ou para experimentar: ou para perseguir com fidelidade o postulado constitucional no que toca à igualdade entre homens e mulheres. Talvez porque, nas leis do futebol, se esqueceram de escrever desporto era o santuário exclusivo dos homens. Ou simplesmente por lapso, nunca ninguém imaginara tal embaraço!...

No dia da partida, ela jogou futebol com mestria e marcou golos na equipa de homens. E ela jogou com elegância e sem a menor inquietação, para o assombro do mundo.

— Golôôôô!

— Mas quem marcou o golo?

Depois do golo tão desejado, o embaraço da equipa. Como podiam eles celebrar a golada com abraços efusivos, abraços, saltos mortais, carregadas nas costas, tal como cabritos felizes rebolando nos prados, se ela era uma mulher?

Como podiam abraçá-la, amassá-la, carregá-la, com toda aquela loucura e liberdade, se o corpo de mulher só pode ser tocado apenas pelo seu homem?

Os comentaristas da rádio relatam o fato com vozes sincopadas. Não sabem o que dizer ao certo, não foi ainda desenvolvido o vocabulário jornalístico para golos de mulher. Para remediar à situação, o locutor da rádio diz muitas asneiras.

— Ah, que estranho. Nesta vitória, os golos foram de mulher, de homem não — gritava o locutor da rádio. As mulheres, normalmente, não jogam futebol.

O desconforto não tardou a vir dentro da equipa. Porque os homens começavam já a sentir-se menos homens e ela, uma mulher acima dos homens.

— Isto é nefasto para o estado psicológico da equipe, diziam os treinadores. Esta mulher não pode continuar aqui.

O treinador da equipa adversária grita, esbaforido, para os seus jogadores.

— Gastei o meu melhor tempo, a minha melhor energia, a treinar uma equipa cacarejante. Se ao menos fossem galinhas poedeiras, poderiam, pelo menos, pôr um golo. Como homens, deviam ser superiores a ela. Ela, sim, tem muito valor. É uma águia numa capoeira de galinhas macho. Não posso suportar semelhançatehumilhação, demito-me!

O caso desta menina abalou o país inteiro. Os homens defenderam o seu espaço por decreto. Já não pode jogar — disseram. Era o regulamento. Cumpra-se. E assim a Lurdes foi legalmente afastada do santuário dos homens.

As mulheres celebraram o afastamento. Porque ser mulher de verdade é ser a beldade. Maquilhada. Uma *miss* escovada e lisa como uma boa montada. Os homens celebraram. Porque é mesmo incomodo ter um rival feminino. Na vitória das mulheres, reside a desonra dos homens.

Suportou, com dureza, a exclusão dos homens que, elegantemente, a afastaram em nome lei. Foi discutida em reuniões magnas, onde só entravam os homens de fato e gravata. Discutida nos encontros dos bares, pelas mulheres dos mercados, por jornalistas, comentaristas, desportistas que só falavam do seu caso. Deve ter sido ainda mais difícil ouvir o caso propalado, aos quatro ventos, pelo jornal, rádio, televisão.

Um dia, passou um homem que viu, no meio da equipa, uma jogadora de estatura fenomenal. Aproximou-se dela e disse:

— Menina, tu és um monumento. O teu lugar, é entre os deuses.

Na altura, ela não percebeu nada.

Então, o homem a levou para longe da equipe e disse:

— Menina, tu és uma águia! Tu pertences ao céu e não à terra. Abre as tuas asas e voa!

Ela olhou para todos os lados e estremeceu, invadida pelo medo das alturas. E não voou.

Voltou a experimentar, com o olhar dourado solar. Concentrou-se e lançou-se no voo. Subiu, subiu e se colocou num ponto invisível além do horizonte.

Ela era, afinal, uma águia de ouro.

Águia d'Ouro era também o nome do clube de onde foi afastada por decreto. Os olhos cegos deste mundo não enxergaram a verdade. No clube, afastaram a águia e ficaram com as galinhas macho, por não perceberem que a verdadeira águia de ouro era ela!

## 3

Na escola, Ihe chamam Maria de Lurdes. Outros a tratam simplesmente por Maria. De sobrenome Mutola, porque os ancestrais untavam o corpo com óleo sagrado da mafurra. Eles tolam, untam-se. Por isso, Ihes chamaram Mutola, os ungidos pelos deuses!

Depois de deixar o futebol, abraçou outra arte. Tornou-se atleta. No mundo das corridas, chamaram-Ihe apenas Maria Mutola.

Mutola coloca os olhos no céu em cada passo e corre, de alma leve e limpa, lubrificada pelo m'tona, o mágico óleo de mafurra. Em cada gesto, elevando a bandeira da nação, na síntese de todos os sonhos de todas as gerações, de toda gente da nossa terra.

Águia real, ela vai ao encontro dos deuses. De lá, nos traz os cálidos raios de sol que confortam as nossas almas e iluminam as noites das nossas vidas. Vitória aqui, medalha acolá, a nossa bandeira flutuou vitoriosa até alcançar o trono dourado do Zulwine, o Olimpo!

Por isso, cada vez que passa uma águia, as andorinhas bailam no céu e a terra inteira levanta os olhos para o alto em êxtase e delírio:

*“Obrigada Mutola, que encarnaste o espírito de Mondlane e te lançaste no voo da águia!*

*Que transformou o próprio corpo em Chivambo.*

*Filha dos espíritos dos N'wanati, de Kambana, de Dzovo, de Maundlane, de Maxele, de Ngomati, de Nyathe — o grande Zambeze!*

*Das tuas asas de águia, teceste o Chitlango que nos elevou ao mais alto do Zulwine, onde a morte não existe.*

*Ungiste o corpo e a alma do nosso povo como o m'tona, óleo sagrado do Olimpo.*

*Obrigada Mutola, águia dos deuses!”*

CHIZIANE, Paulina. **As andorinhas**. 3.ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2019. p.117-125.

### **Glossário:**

Chitlango - escudo de defesa

Chivambo – objeto ou lugar de tortura

Dzovo - pele

M'tona – óleo de mafurra

Maundlande – criador

Mafurreira – árvore oleaginosa de grande porte

Zulwine – céu, paraíso



**Paulina Chiziane**, natural de Manjacaze (vila moçambicana), tem se destacado como a mais renomada escritora negra contemporânea de Língua Portuguesa. Com a ousadia literária que lhe é peculiar, foi a primeira mulher moçambicana a escrever um romance. Recebeu o "Prêmio José Craveirinha" pela AEMO - Associação dos Escritores Moçambicanos (2003). Foi candidata ao Prêmio Nobel da Paz

(2005), pelo trabalho de escrita militante pela justiça e igualdade, e nomeada uma das mil mulheres pacíficas do mundo, ambas as iniciativas promovidas pelo Movimento Internacional de Paz, *One Thousand Peace Women*.

CHIZIANE, Paulina. [Orelha do livro]. *As andorinhas*. 3.ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2019.

## Anexo XI: Pesquisa

### Atividade de pesquisa biográfica:

Realize uma breve pesquisa sobre a história de Maria de Lurdes Mutola, explorando a sua data e local de nascimento, profissão, local onde mora na atualidade e vida pessoal. A realização da atividade poderá ser apresentada no caderno (manuscrita) ou em um material impresso.

## Anexo XII: Atividades interpretativas

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: 3º ano.

### (DES)FAZENDO SABERES

Por meio da literatura, a escritora Paulina Chiziane retrata a vida de Maria de Lurdes Mutola, a medalhista de ouro na corrida de 200 metros nas olimpíadas de Sidney (2000). O espaço narrativo do conto está fundamentado num período pós-independência de Moçambique. Portanto, apesar de não haver mais guerras, o peso da tradição patriarcal se encontra forte.

1. A partir da leitura do conto, das pesquisas realizadas e o debate realizado em aula, responda:

a) Por que as amigas de Lurdes acreditavam que ela não era mulher? Qual era o significado de mulher para as suas amigas?

b) Observe a fala de uma das amigas de Lurdes:

“[...] **ser** mais sensual. **Fazer** enxoval. **Concluir** um curso de cozinha e outro de boas maneiras, enquanto espera um noivo, para **casar** e **fazer** filhos”. (CHIZIANE, 2019, p. 119).

- Sua amiga utiliza vários verbos no infinitivo para explicar a Lurdes “as utilidades das mulheres”. Relacione a repetição dos verbos “**ser, fazer, concluir e casar**” com o significado de “**ser mulher**”, utilizados nesse contexto.

c) Ainda sobre o trecho citado acima, explique a sua opinião sobre o assunto.

2. Segundo as suas amigas, por que Lurdes estragaria o seu corpo jogando futebol?

3. Na sua opinião, qual é o maior obstáculo enfrentado por Lurdes? Justifique a sua resposta.

4. Mutola ingressa em um time de futebol masculino e leva o seu time a vitória, sendo a única a marcar gols na partida. Nesse momento, os jornalistas não sabem como narrar e seus companheiros não sabem como comemorar os gols. Por que isso ocorre? Em seguida, o que acontece com Lurdes?

5. Por que homens e mulheres não aceitavam que Lurdes jogasse futebol? O que você pensa sobre isso?

6. O conto é dividido em três partes. Na primeira parte, é narrado uma história com personagens diferentes em relação à segunda parte do conto. Qual é a relação da galinha e da águia com a personagem principal e o desfecho do conto?

7. Observe no infográfico abaixo, um dos diversos estudos de uma pesquisa chamada “Por ser menina no Brasil”, realizada pela “Plan International Brasil” em 2021, que apresenta como objetivo compreender a realidade das meninas brasileiras que estão na faixa de 14 a 19 anos. A reedição da pesquisa explanada abaixo, expõem **“como se dão as diferenças entre gêneros na vida das meninas?”**.



Plan International. Por ser menina: resumo executivo. Disponível em: <<https://plan.org.br/estudos/resumo-executivo-pesquisa-por-ser-menina-no-brasil/>>. Acesso em: 05 de jul. 2022.

- Segundo a pesquisa apresentada, quais atividades apresentam um maior índice, no qual as meninas tem o desafio de conciliar em suas vidas?
- Quais atividades apresentam um menor índice realizado por meninas? Por que você acha que isso ocorre?
- Você acha que meninos/homens têm mais oportunidade/vantagens que meninas/mulheres?

8. Selecione uma frase abaixo e comente a sua opinião sobre ela:

“Cabelo curto não é nada feminino.”

“Não pode sentar de perna aberta. Isso é coisa de menino!”

“O menino é que deve tomar a atitude e te chamar para sair.”

“Não acredito que você curte futebol e anda de skate.”

Fonte: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/10-coisas-que-nos-meninas-ja-estamos-cansadas-de-ouvir/>

9. Revisite o conto “Olhos d’água” de Conceição Evaristo e aponte relações com o conto “Mutola” de Paulina Chiziane.

### Anexo XIII:

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: 3º ano.

#### Quebrando tabus

No conto “Mutola”, de Paulina Chiziane, temos a história de Maria de Lurdes Mutola, uma mulher moçambicana, que desejava jogar futebol. Quando consegue entrar num clube de futebol, não demora muito para ser expulsa do time, devido ao seu sexo: feminino. Durante a narrativa, Lurdes é tachada como “não mulher” por suas amigas, já que a sociedade não considera o esporte para o público feminino. Nesse contexto apresentado na narrativa, entende-se que há delimitações impostas para cada sexo. Sabe-se que no Brasil, as mulheres conquistaram seu espaço no esporte, mas ainda há muito preconceito enraizado nas sociedades. Sendo assim, realize as atividades propostas abaixo, sendo o mais sincero possível.

Numere no espaço abaixo, quatro brinquedos que ganhou até os 12 anos de idade. Em seguida, separe-os em duas fileiras, os brinquedos considerados pela sociedade, como brinquedos femininos e outros considerados brinquedos masculinos, e reescreva-os.

#### **Brinquedos:**

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_

<b>Femininos</b>	<b>Masculinos</b>
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

### Anexo XIV:

Nomes: \_\_\_\_\_  
 Turma: 3º ano.

### Quebrando tabus

Após a atividade realizada, reúna-se em grupos de no máximo quatro pessoas, é necessário que o grupo seja formado por componentes do sexo oposto. Agora, realize, entre os componentes do grupo do sexo feminino e do sexo masculino, uma comparação dos brinquedos, separando-os em duas categorias: (1) brinquedos atrelados ao desenvolvimento de habilidades relacionados a ação e independência; e (2) brinquedos relacionados aos afazeres domésticos e cuidados com os filhos.

Após a atividade realizada, compartilhe com a turma os resultados obtidos por meio de uma apresentação do grupo, destacando: gênero que apresentou maior quantidade na categoria 1; o gênero que apresentou maior quantidade na categoria 2; destacar caso haja um empate entre as duas categorias; e a conclusão do grupo.

<b>Gênero</b>	<b>Categoria (1)</b>	<b>Categoria (2)</b>
<b>Feminino</b>	_____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____	_____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____
<b>Masculino</b>	_____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____	_____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____

**Anexo XV:**

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: 3º ano.

Sobre a realização da atividade de “**quebrando tabus**” responda:

- Aponte uma reflexão sobre o trabalho apresentado;
- Comente sobre a influência que os tipos de brinquedos possuem na infância, visando o que foi trabalhado em aula;
- Argumente sobre a frase “isso é coisa de homem” ou “isso é coisa de mulher”, desenvolvendo reflexões e opiniões sobre o assunto.

## **Anexo XVI: produção de cartazes**

### **Representatividade feminina afro-brasileira**

Assim como no conto, Maria de Lurdes Mutola não pode seguir como jogadora de futebol, mas encontrou-se em outro esporte, conquistou seu espaço e tornou-se a primeira moçambicana a ganhar uma medalha de ouro. Além disso, em 2001, Mutola criou em Maputo, capital de Moçambique, a “Fundação Lurdes Mutola”, que oferece a crianças e jovens programas voltados a áreas da educação, esportes, cultura, empreendedorismo e ação social. A própria autora do conto, Paulina Chiziane, é considerada a primeira mulher moçambicana a escrever um romance. A escritora mineira Conceição Evaristo, também, representa as vozes de diversas mulheres negras marginalizadas pela sociedade. Através de suas obras, a autora relata as vivências de muitas mulheres: mães, avós, bisavós, donas de casa e empregadas domésticas, possibilitando para todos os leitores e leitoras que dão a oportunidade a essas obras, grandes emoções e reflexões.

Sendo assim, faremos uma exposição que relembre a importância das vozes dessas mulheres, colocando em evidência a representação feminina afro-brasileira e a sua importância. O grupo selecionará no mínimo uma mulher negra que fez/faz história no Brasil (podendo ser na área da literatura, arte, política, esporte, educação, entre outras áreas), como também poderá eleger mulheres afro-brasileiras de suas famílias. O grupo produzirá um cartaz contendo os seguintes aspectos dessas mulheres: nome completo; história; trajetória e luta que se destaca; justificativa de escolha; e uma frase conhecida da mulher escolhida.

Após a construção do cartaz, cada grupo socializará o resultado final com os demais colegas, para que, em seguida, seja exposto em um mural da escola, organizado pelo professor.